

7º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

27 DE JULHO DE 2025

LUCAS 11.1-13

1 TEXTOS DO DIA

O tema do domingo nos direciona para a confiança na misericórdia divina por meio da oração/intercessão. Os textos nos lembram de algo essencial na fé cristã: Deus está atento à oração do seu povo, ouve, acolhe, se importa e responde agindo em seu favor. Com base nisso, passemos às leituras:

1.1 Salmo 138

O salmista escreve com o coração cheio de fé e gratidão: “No dia em que eu clamei, tu me respondeste e alentaste a força de minha alma” (Sl 138.3 NAA). Quem já passou por dias difíceis sabe o quanto essa frase é real. Há momentos de angústia em que só conseguimos dizer “Senhor, me ajuda!”, mas ainda assim, Ele ouve e nos sustenta. Nesse sentido, o salmo é um lembrete de que louvar a Deus não é negar a dor, mas reconhecê-lo como aquele que caminha conosco, mesmo em meio a dor.

1.2 Gênesis 18.17-33

Particularmente, essa é uma das cenas que considero mais bonitas das Escrituras: Abraão, em um diálogo ousado e cheio de reverência com Deus, intercede por Sodoma e Gomorra. Ele não se cansa de pedir pela misericórdia divina, a fim de que as cidades e seus moradores sejam poupados de seu justo juízo contra o pecador. E o mais impressionante: Deus ouve e aceita as suas intercessões.

Isso me fez lembrar de uma frase marcante escrita pelo saudoso Rev. Otto A. Goerl (1905-1998), em seu livro *Histórias Bíblicas*, disponibilizado pela Editora Concórdia: “O orar do crente é um lutar com Deus. E Deus se deixa vencer por uma fé heroica que se apega na misericórdia divina”. Por isso, a exemplo de Abraão, que se apoiou nas

promessas de Deus, confiou no seu amor e se sujeitou à sua vontade, podemos orar com a mesma ousadia e reverência.

1.3 Colossenses 2.6-19

O apóstolo Paulo escreve à igreja com um alerta: não se deixem levar por ideias vazias, filosofias bonitas por fora, mas, sem Cristo por dentro. Ele lembra que tudo o que precisamos está em Jesus: perdão, vida nova e liberdade. Num tempo em que as pessoas buscam por respostas em tudo quanto é lugar, essa carta nos aponta para o centro da nossa fé: Cristo é suficiente. Nele, estamos completos. Ele é a resposta que precisamos, e por isso vivemos enraizados n'Ele.

1.4 Lucas 11.1-13

Os discípulos, ao verem o exemplo de seu Mestre, pedem: “Senhor, ensine-nos a orar.” E Jesus lhes ensina a oração por excelência, o Pai-Nosso ou a Oração Dominical. É uma oração simples, profunda e que resume tudo o que precisamos pedir a Deus. Em seguida, Jesus conta uma parábola sobre alguém que bate à porta do amigo com insistência em busca de pão, a fim de ensiná-los que podemos orar com confiança, coragem e persistência, pois Deus não está longe, nem é indiferente. Se um pai terreno dá boas coisas aos seus filhos, o Pai Celeste dará ainda mais àqueles que lhe pedirem – dará o Espírito Santo.

2 DESTAQUES DO TEXTO

2.1 Contexto

A perícope está no coração do Evangelho de Lucas, num segmento onde Jesus ensina sobre discipulado e vida de oração (caps. 9–11). Lucas enfatiza que a oração é uma marca dos seguidores de Jesus. O capítulo 11 contrasta com a hipocrisia religiosa (v.37-54), apontando para a sinceridade e confiança na relação com Deus.

No judaísmo do primeiro século, orações eram rotineiras, com liturgias fixas. Cada rabino tinha seus próprios métodos e orações específicas que ensinava aos seus seguidores. No caso de João Batista, seus discípulos oravam de uma maneira distinta, e isso pode ter despertado nos discípulos de Jesus o desejo de saber como Ele se relacionava com o Pai.

Ademais, havia uma crença comum de que somente os mais “santos” eram ouvidos por Deus. No entanto, Jesus quebra essa noção popular ao ensinar que Deus responde até mesmo aos insistentes e simples, e a sua oração se destaca pela simplicidade e intimidade com Deus – chamando-o de Pai.

A oração do Pai-Nosso em Lucas é mais curta que a registrada por Mateus, mas ainda assim carrega grande profundidade. O versículo 1 começa mostrando que Jesus orava “ἐν τόπῳ τινί” (em certo lugar). Isso expressa o hábito de Jesus em orar frequentemente. Um discípulo – não identificado no texto – pede: “δίδασκον ἡμᾶς προσεύχεσθαι” – “ensina-nos a orar”. O conteúdo da oração ensinada por Jesus inclui:

2.2 Análise do texto

Chamar Deus de “Pai”: Πάτερ, o que transmite a ideia de um pai carinhoso, protetor e intimamente envolvido na vida de seus filhos. Jesus está revelando um relacionamento de intimidade com Deus, algo revolucionário para um povo acostumado a tratar Deus com uma distância reverencial e formal.

Que o nome de Deus seja santificado: ἁγιασθήτω τὸ ὄνομά σου – um passivo aoristo de ἁγιάζω, mostrando reverência ao caráter de Deus e adoração. Reconhecemos assim sua santidade e majestade como algo primordial na oração.

A vinda do Reino: ἐλθέτω ἡ βασιλεία σου – também no aoristo, indicando expectativa imediata. É um pedido para que o Reino de Deus se estabeleça em nossas vidas e na história para podermos viver de acordo com a sua vontade – uma consciência da esperança escatológica, desejando a manifestação do Reino de Deus e sua justiça no presente e no futuro.

O pedido por pão diário: τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον – expressão rara, possivelmente significando “necessário para o dia” – um sinal de dependência da sua provisão, como aconteceu no deserto, quando Deus enviava o maná (cf. Êx 16).

O perdão: ἄφεξ ἡμῖν τὰς ἁμαρτίας ἡμῶν – aoristo imperativo novamente, destacando a necessidade contínua de perdão, tanto na perspectiva vertical (em relação a Deus), quanto na horizontal (na relação com o próximo). Devemos buscar o perdão oferecido por Cristo para que também possamos perdoar – uma busca por reconciliação em todos os aspectos da vida.

A proteção divina: καὶ μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν – literalmente, “e não nos conduzas para dentro da tentação”. O verbo εἰσφέρω, que significa "levar para dentro", "introduzir", "trazer", em seu uso no subjuntivo aoristo ativo com o negativo μὴ indica um pedido de proibição: *"Que não aconteça de nos levares..."*

Já πειρασμός é uma palavra com dupla conotação: (1) Pode ser provação (um teste de fé permitido por Deus, cf. Tg 1.2–3); (2) Pode ser tentação ao pecado (cf. Tg 1.13–14; Mt 4.1). O contexto ajuda a definir o sentido, e, neste caso, expressa reconhecimento da fragilidade humana diante do mal, um apelo por proteção e livramento em tempos de provação e confiança de que Deus pode nos guardar do tropeço.

Em outras palavras, o pedido expressa dependência em Deus: a luta contra o mal não se vence sozinho, mas com o auxílio do Espírito Santo (v. 13). É como se disséssemos: “Pai, sabemos que somos fracos, que o mal está à espreita, que a vida tem provações difíceis, por isso, não nos deixes ser colocados num caminho onde nossa fé seja esmagada.”

Na sequência, temos a “Parábola do Amigo Importuno”: o verbo “ἀναίδειαν” (v.8) – traduzido como "importunação", literalmente significa “pressão constante”, “necessidade urgente” ou “persistência ousada”. Jesus exalta a persistência na oração: mesmo sendo inconveniente, o amigo acaba atendendo ao pedido, não por causa da amizade, mas pela persistência incansável do pedido. Deus não é como o amigo relutante, mas um contraste, uma vez que Deus é infinitamente mais misericordioso do que qualquer ser humano.

A parábola não ensina que devemos ser persistentes de maneira egoísta ou insistente de forma desconectada de Deus, mas mostra que Deus valoriza a persistência na oração (a exemplo de Abraão). Ele deseja que, ao buscarmos sua ajuda, não desistamos facilmente, mas que confiemos em sua fidelidade e amor. Neste aspecto, ele usa a persistência como um meio de fortalecer a fé dos cristãos. Ilustração: você vai a

um médico especializado e, após várias consultas, ele diz: "Estamos trabalhando no melhor tratamento para sua saúde." A oração persistente é como continuar a se consultar, sem desistir de buscar uma solução, porque sabemos que aquele médico é confiável. Da mesma forma, Deus é um Pai que não se cansa de ouvir as nossas orações.

A seguir, Jesus traz a aplicação da parábola, se utilizando de três verbos no presente imperativo: αἰτέῖτε (pedir); ζητεῖτε (buscar); κρούετε (bater). A oração começa com o **pedido**, reconhecendo que precisamos da intervenção divina em nossas vidas; a **busca** demonstra insistência, interesse e dedicação, como alguém que busca por algo que está perdido (cf. Lc 15); e a ideia de **bater** é mais intensa, refletindo um clamor contínuo, uma busca perseverante, como Jesus ilustrou com a parábola do amigo importuno, que não desistiu até ser atendido. Estando estes verbos no presente, indicam uma ação contínua: "continue pedindo", "continue buscando", "continua batendo".

Jesus conclui essa parte com a ilustração de um pai terreno que, mesmo sendo imperfeito, não daria uma pedra ou uma cobra ao seu filho que pede pão ou peixe. Quanto mais o Pai celestial dará o Espírito Santo àqueles que lhe pedem (v. 13), haja vista que Ele é melhor do que qualquer pai terreno. E se pararmos para pensar, o Espírito Santo é a maior dádiva que Deus pode nos dar, pois é Ele quem nos fortalece, guia e capacita para vivermos conforme a vontade de Deus. Acima de tudo, Ele é quem nos capacita a clamar "Pai" (cf. Rm 8.15, Gl 4.6).

3 O QUE PREGAR? ALGUNS TEMAS QUE PODEM SER ABORDADOS NA HOMILIA

- A oração não é apenas petição "da boca pra fora" ou uma fórmula a ser repetida mecanicamente, mas um relacionamento íntimo com Deus. É verdade que ele não precisa das nossas orações, mas nós precisamos dessa relação com ele para nos familiarizarmos com o seu desejo para nossas vidas.
- Deus é Pai – acessível, confiável e bondoso.
- Persistência na oração não é falta de fé, mas expressão dela.

- A oração é um ato de fé que confia na misericórdia divina; não visa persuadir Deus, mas reforçar a fé do cristão e a dependência da graça divina, tornando-o mais consciente da própria necessidade e da bondade de Deus.
- “A palavra convence, mas o exemplo arrasta” – Jesus tinha o hábito de orar ao seu Pai. Os discípulos viam esse exemplo de Jesus e queriam repeti-lo. Por isso, pediram a Jesus para ensiná-los uma oração que os caracterizassem como seus aprendizes. Queremos que as pessoas orem mais? Queremos que nossos pais, filhos, maridos e esposas orem conosco? As palavras convencem, mas o exemplo arrasta.
- Certa vez, alguém disse que a oração é a respiração da alma: algum dia nós deixamos de respirar? Se isso acontecer, significa que estamos mortos. Assim também é com a vida cristã. Lutero vai dizer que oração é isto: viver continuamente nos ouvidos de Deus, ecoando o “orai sem cessar” de Paulo. Por isso, ser cristão e não orar é como estar vivo e não respirar.
- Por que orar o Pai-Nosso todo dia? Lutero explica o porquê no seu Catecismo Maior: “não se pode encontrar na terra oração mais nobre, pois que tem o testemunho excelente de que Deus de coração ama ouvi-la.” E por que Deus ama ouvi-la? Porque quem a ensinou aos discípulos foi o seu Filho amado.
- E se oração não for atendida, é falta de fé? Dependendo do caso, pode ser que sim, se a fé não for a única e verdadeira, que confia no Deus vivo, na intercessão de Jesus e no poder do Espírito Santo. Em outros casos, o apóstolo Tiago nos lembra: “Nada têm, porque não pedem; pedem e não recebem, porque pedem mal, para esbanjarem em seus prazeres” (Tg 4.2-3). Fica a pergunta: a nossa oração a Deus é motivada pelo nosso desejo egoísta ou por uma real necessidade? Se for por uma real necessidade, Jesus promete que o que for pedido será dado – mas não porque nós queremos, nem porque nós determinamos, senão que unicamente porque Deus é misericordioso.

- E se a pessoa tem fé no Deus Triúno e confia na misericórdia de Deus, por que Deus às vezes não atende o seu pedido de oração? Neste caso, se não recebemos o que queremos, mesmo pedindo com fé, mesmo insistindo, o exemplo do apóstolo Paulo é pertinente: “Três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim [o espinho na carne]. Então ele me disse: ‘a minha graça é o que basta para você, [é o que você precisa], porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza.” (2Co 12.8-9) O mais interessante é que Paulo não questiona a vontade de Deus. Ele simplesmente reconhece que Deus não o atendeu para que ele não ficasse orgulhoso (cf. 2Co 12.7).
- Abraão é um exemplo de humildade perante o Senhor: “Eis que me atrevi a falar ao Senhor, eu que sou pó e cinza” (Gn 18.27 NAA). Ele reconheceu que não é nada diante do Eterno Criador, mas apenas um amontoado de terra que só estava vivendo porque o Senhor Todo-poderoso permitia. Assim nós fazemos ainda hoje, quando reconhecemos na confissão de pecados que somos pobres e miseráveis pecadores, e que nada merecemos senão a justa ira de Deus sobre nós e sua eterna condenação. Porém, assim como Abraão pediu ao Senhor para não se irar contra ele pela sua insistência em favor de pecadores que vivam em Sodoma e Gomorra, assim nós também o fazemos diariamente clamando por misericórdia, que Deus não se irrite pela nossa insistência de intercedermos em favor de pecadores, dentre os quais somos os piores. É por isso que sempre oramos confiando na graça de Deus revelada em Cristo Jesus, não em nós mesmos. Confiamos que o Espírito Santo nos auxiliará nessa humilde ação de viver continuamente nos ouvidos de Deus.
- Deus atende nossa oração não porque merecemos, não porque determinamos, mas porque nos humilhamos diante de Deus: somos pó e cinza, somos miseráveis pecadores e precisamos do seu auxílio. Por isso, confiamos que o Criador, o eterno e todo-poderoso, dispõe os seus ouvidos misericordiosos ao nosso alcance, e isso ele o faz por amor ao seu Filho. Se não confiarmos nisso, chamaremos Deus de mentiroso e o diabo terá feito o seu trabalho com sucesso.

- Orar também é a maneira que temos de resistir ao diabo e nos refugiarmos em Deus, pedindo a ele que não nos leve para dentro da tentação, pois se formos tentados, cairemos pela nossa fraqueza, por sermos pecadores. Deixar de orar a Deus é o que o diabo quer de nós. Se deixamos de nos refugiar em Deus por meio da oração e deixamos de encontrar força e perdão onde Cristo prometeu que estaria (Palavra e Sacramentos), então a obra do diabo estará completa em nossa vida.
- Deus é misericordioso a tal ponto de, além de permitir a nossa entrada em sua presença para clamar pelas nossas necessidades, ainda colocar em nossa boca as palavras certas de como devemos orar. Ao ensinar os seus discípulos a orarem por todas as necessidades, Jesus começa com as necessidades eternas – que o nome de Deus seja santificado e que o seu Reino venha. O que é isso senão buscar em primeiro o Reino de Deus? E as petições seguintes – o sustento diário, o perdão mútuo e a proteção contra o mal – não é tudo o que precisamos para viver bem neste mundo? Estas coisas nos serão acrescentadas quando buscarmos em primeiro o Reino de Deus. E, como diz Lutero, se Deus não quisesse ouvir a nossa oração, ele não teria ordenado e nos ensinado a orar, nem teria prometido que ouviria e atenderia as nossas orações.
- Se temos dezenas de minutos para ficar rolando a tela do nosso celular, também teremos outras dezenas de minutos para prática da oração. Precisamos fazer da oração uma prioridade em nossa vida, com confiança e humildade, pois “muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5.16).

Portanto, como disse Paulo, assim como nós recebemos Cristo Jesus [pelo batismo e pelo poder do Espírito Santo], continuemos a viver em Cristo, estando enraizados e edificados nele, e confirmados na fé, como foi ensinado a nós, crescendo em ações de graças, porque quando estávamos mortos nos nossos pecados, Ele nos deu vida, perdando todos os nossos pecados, cravando-os na cruz e nos ressuscitando por meio da fé. Além disso, como disse Lutero, vivamos continuamente nos ouvidos de Deus,

clamando e pedindo que nos dê, preserve e multiplique a fé e o cumprimento dos Dez Mandamentos, e, remova tudo o que está em nosso caminho e nos impede de fazer isso.

Nós sabemos onde buscar e encontrar, onde bater e ver a porta se abrir, e por isso pedimos: “ouve-nos, ó Pai, e ajuda-nos a viver uma vida de oração, por intermédio de Cristo Jesus e no poder do Espírito Santo, até estarmos contigo na eternidade”.

Matheus Ohnesorge Herz

Goiânia, GO